

## Manuel Branco Ferreira

## Caros Colegas

O presente número da *Revista Portuguesa de Imunoalergologia* traz para a vossa leitura um artigo de revisão muito interessante e completo sobre as relações entre a alergia alimentar e o eczema atópico. Trata-se de um artigo que se lê com muito interesse e agrado e que aborda, de uma forma didáctica, várias das complexas questões que se levantam a todos nós, especialmente quando lidamos com crianças com formas graves de eczema. Este artigo, da autoria da Dra. Alexandra Santos, dos Hospitais da Universidade de Coimbra, foi efectuado em colaboração com três colegas ingleses, de renome mundial nesta área, representando um dos frutos visíveis de um estágio que teve o apoio de uma das bolsas da Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica (SPAIC). O facto de se ter conseguido este artigo de colaboração apenas sublinha a sua inequívoca possibilidade. Dever-se-á então pugnar, a diversos níveis, para que essa passe a ser uma regra dos estágios apoiados pelas bolsas SPAIC e não apenas uma excepção pontual. E assim, para além da óbvia mais-valia pessoal e profissional para os internos intervenientes, caminharemos de uma forma mais rápida para a internacionalização da nossa revista.

A propósito de artigos de revisão, o número de Abril oferece um suplemento sobre alergia alimentar, elaborado por diversos membros do Grupo de Interesse de Alergia Alimentar da SPAIC, sob a coordenação das Dras. Isabel Carrapatoso e Sara Prates, que representa uma mais-valia na tentativa de uniformização de práticas diagnósticas e/ou de recomendações terapêuticas, a nível nacional ou de outros centros lusófonos.

Nos artigos originais publicamos neste número um interessante trabalho laboratorial sobre detecção bioquímica de alergénios de alguns dos principais pólenes detectados no Funchal (ilha da Madeira), o qual mereceu o primeiro prémio SPAIC-UCB de 2008. É um trabalho de índole essencialmente metodológica, que pode contribuir para lançar eventuais bases para uma mais correcta produção de extractos alergénicos de pólenes abundantes neste arquipélago. Também publicamos um outro artigo sobre métodos, mas neste caso sobre métodos de avaliação e monitorização do controlo da asma grave, no qual mais uma vez se sublinha a importância de utilizar diferentes métodos para avaliar os doentes asmáticos graves, já que esses métodos frequentemente fornecem informações complementares e nem sempre sobreponíveis. Neste trabalho, e à semelhança de outros trabalhos sobre asma grave, a medição do óxido nítrico no ar exalado não constituiu uma mais-valia significativa para permitir a recomendação da sua utilização rotineira no subgrupo de doentes com asma grave.

Na rubrica de casos clínicos apresentamos dois artigos: um sobre um caso pediátrico com desfecho fatal e relativo a uma forma de imunodeficiência severa combinada (SCID), onde se chama a atenção para os possíveis sinais de alerta que poderiam ter sido eventualmente valorizados nessa criança, e outro, extremamente interessante, que vem relançar uma discussão já antiga sobre as vantagens da imunoterapia específica nos casos de urticária crónica associada a infecções fúngicas, neste caso a *Tricophyton*. Neste artigo são apresentados dois casos de sucesso da imunoterapia específica em

doentes com dermatofitose crónica e recorrentemente recidivante, apesar da frequente terapêutica antifúngica sistémica bem conduzida e que, a partir de determinada altura, iniciam queixas de urticária crónica, cujos períodos de agravamento se relacionavam clínica e temporalmente com os períodos de exacerbação da infecção fúngica cutânea. Em ambos os doentes foi possível identificar a presença de resposta IgE mediada a antígenos fúngicos do *Tricophyton*, pelo que a imunoterapia subcutânea foi instituída, sem reacções adversas significativas e com melhoria progressiva e acentuada, quer das queixas urticariformes, quer das queixas da dermatofitose, com redução das exacerbações e da necessidade de terapêutica antifúngica.

Tal como relativamente à imunoterapia específica com antígenos de *Candida albicans*, existem defensores e opositores deste tipo de intervenção terapêutica, que carece ainda de uma fundamentação mais consistente para poder ser aceite, neste tipo de casos, como medicina baseada na evidência. No entanto, os cada vez mais estreitos laços entre a imunidade inata e adquirida e entre as infecções crónicas e os desvios das respostas imunoalérgicas devem-nos claramente fazer repensar num papel mais presente do Imunoalergologista no tratamento de muitas destas situações, em que, para além da infecção crónica e/ou recidivante apesar da terapêutica adequada, exista evidência de mecanismo IgE mediado, o qual poderá não ser apenas um epifenómeno mas verdadeiramente fazer parte desse mesmo problema. E, de facto, como estes dois casos e vários outros demonstram, a prática clínica da utilização da imunoterapia específica nestas situações (sempre em doentes que têm de ser muito bem seleccionados) pode trazer uma contribuição ímpar para a melhoria da qualidade de vida destes doentes.

Finalmente, na nossa rubrica de imagem, trazemo-vos uma manifestação cutânea relativamente rara de hipersensibilidade a fármacos que, embora seja aparatosa, é geralmente benigna, afectando simetricamente várias flexuras.

Boa leitura.

Manuel Branco Ferreira